

Considerações a respeito da morte em *Teatro*, de Bernardo Carvalho, e *Rútilo nada*, de Hilda Hilst

*Gabriela Ruggiero Nor*¹

Resumo

O trabalho consiste na discussão da morte enquanto eixo temático em três narrativas: *Rútilo nada*, de Hilda Hilst, *Teatro*, de Bernardo Carvalho, e *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll. Considera-se como hipótese o fato de que a morte não é apenas tratada como assunto das obras, mas também faz parte de sua constituição estética, formal. A presença da morte e de outras situações-limite nos textos apresentados – como a violência extrema e o êxtase, por exemplo – implicaria numa posição específica dos narradores em primeira pessoa, que se encontram constantemente num estado limiar, um entrelugar a partir do qual narram. Tais observações são feitas levando em consideração a tradição de narradores em literatura brasileira, os quais caracterizam-se, em larga medida, por uma atitude majoritariamente cartesiana com relação ao objeto narrado. Além disso, verifica-se, na prosa brasileira canônica, a predominância de narradores política e socialmente conservadores. No caso das obras estudadas de Hilst, Carvalho e Noll, observam-se, ao contrário, narradores que rompem com essa tradição: homossexuais, imigrantes, vítimas de violência ou seus perpetradores. A morte, elemento que conduz a leitura apresentada, aparece nas narrativas de modo a criar ambiguidades e indeterminações, as quais são respeitadas na análise empreendida, que procura contemplar justamente o aspecto inconclusivo das obras. A noção de identidade dos narradores é profundamente abalada pela presença da morte, caracterizando-se, assim, como processual, sempre em mutação. O impacto no foco narrativo permeia outros elementos formais, como o tempo e a constituição do espaço. Insiste-se, assim, no forte vínculo entre ética e estética que pode ser verificado nas obras dos três autores estudados.

Palavras-chave

foco narrativo; limiar; morte

¹ Gabriela Ruggiero Nor possui mestrado em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP e é atualmente doutoranda na mesma área, sob orientação do Prof. Dr. Jaime Ginzburg. E-mail: gabriela.ruggiero@gmail.com.

O trabalho a ser apresentado tem como objetivo propor algumas hipóteses de pesquisa e interpretação das imagens da morte presentes nas obras *Teatro* (1998), de Bernardo Carvalho e *Rútilo nada* (1993) de Hilda Hilst, verificando sua articulação com elementos teóricos, particularmente com o foco narrativo.

Teatro, prosa de complexa construção, estrutura-se em duas partes, *Os sãos* e *O meu nome*, em que predominam ambiguidades e descontinuidades. A morte surge não só como tema do enredo, mas também como caracterização de um dos espaços da narrativa, deflagrando a abertura de um campo semântico relativo à abjeção, que será reiterado ao longo de *Os sãos* para descrever o país de origem dos pais do narrador Daniel I². O percurso de Daniel I em direção a este anônimo país é também uma aproximação progressiva da morte, conforme o narrador adentra a “cidade fantasma” (CARVALHO, 1998, p.63), “o cemitério” (Ibidem, p.22), onde se encontra “no meio dos mortos” (Ibidem, p.23). *Rútilo nada* é centrado em torno da dor do narrador Lucius diante da morte de seu amante, Lucas. Sofrendo por sua perda afetiva, Lucius elabora diferentes momentos de seu relacionamento no decorrer do velório de Lucas. As elaborações subjetivas do narrador são constantemente interrompidas pelas falas intrusivas de pessoas ao redor, que demonstram ausência de empatia pela situação.

Tanto em *Teatro* quanto em *Rútilo nada*, de maneira flagrante no segundo, ocorre uma espécie de identificação da figura do narrador com a figura do personagem morto ao longo das narrativas. No romance de Bernardo Carvalho, isso se dá através da imersão de Daniel I no contingente de moribundos que forma a população do país de origem de seus pais. O desfecho da narrativa de *Os sãos* é a morte de seu próprio narrador, dando início à segunda parte do romance, *O meu nome*. Em *Rútilo nada*, a intensidade da relação afetiva entre Lucius e Lucas implica numa confluência de elementos dos dois personagens diretamente no narrador, confundindo os limites entre ele e seu amante.

Nos dois casos, de Carvalho e Hilst, pode-se falar de aspectos formais ligados

2 Uma vez que tanto o narrador de *Os sãos* como o narrador de *Meu nome* denominam-se Daniel, as formas Daniel I e Daniel II serão utilizadas para fazer referência aos narradores de cada parte do romance.

à escolha da morte como forma de percepção privilegiada. Como se o discurso e as formas de percepção comuns não fossem capazes de expressar o irrepresentável que é a morte, os narradores a incorporam à voz narrativa, narrando não como observadores de uma imagem de excesso, mas admitindo a própria situação limite como única a partir da qual se pode narrar o que se apresenta como indizível à linguagem corrente, cotidiana. É possível propor, como hipótese de trabalho, que momentos das narrativas em análise sejam sustentados em narradores que, para serem capazes de falar de um limite – a morte - instalam-se numa zona intermediária, num limiar de indistinção, em que categorias como identidade e tempo ficam suspensas, não condicionadas a nenhum elemento em particular, e sim colocadas como processuais, em constante elaboração.

De fato, em *Rútilo nada* e em *Teatro* observa-se uma construção difusa de tempo narrativo. Não se trata apenas de apontar a fragmentação do tempo: *Teatro*, por exemplo, é um romance estruturado na ideia de representação e crítica à função referencial, privilegiando a instabilidade. Há diferentes versões em concorrência expostas pelos narradores do romance, que *não* são organizadas hierarquicamente – não existe uma voz narrativa que se sobreponha à outra de modo definitivo. São vários relatos discrepantes colocados *lado a lado*, sem atribuição de valor de verdade a nenhum deles. Na base desta estratégia formal está uma concepção de tempo inovadora, que permite uma espécie de polifonia que não se submete ao registro cronológico. Trata-se de uma diluição da própria categoria de tempo, em que a ordenação de eventos está posta em xeque. Num relato fragmentário, seria possível, se assim se desejasse, reordenar os eventos em ordem cronológica. Já em *Rútilo Nada*, por exemplo, trata-se do “tempo-água” (HILST, 2003, p.99), ou seja, um tempo processual, que imbrica-se à experiência subjetiva não apenas sendo governado por ela, mas sendo integralmente incorporado pela voz narrativa.

Jeanne Marie Gagnebin, em seu interessante ensaio *Entre a Vida e a Morte*, elabora uma reflexão acerca do conceito de *limiar* na obra de Walter Benjamin. A ideia de limiar engloba ritos de passagem como o casamento, o nascimento, a morte, bem como situações de transição e mudança. Benjamin considera que, na modernidade, tais

experiências liminares estariam praticamente perdidas, à exceção de breves experiências como o adormecer e o despertar. Em determinado momento de sua argumentação, Gagnebin utiliza o conto *O caçador Graco* para discutir os aspectos negativos que a ideia de limiar ganha na modernidade, em sua configuração kafkiana:

A experiência do limiar, da passagem, da transição, as metáforas das portas, dos corredores, dos vestibulos, tudo isso povoa a obra de Kafka – mas não leva a lugar nenhum. Pior: o limiar parece ter adquirido uma tal espessura que dele não se consegue sair, o que acaba negando sua função. (...) Assim, vagamos na obra de Kafka de limiar em limiar, de corredor em corredor, de sala de espera em outra sala de espera, sem nunca chegar aonde se almejava ir e correndo o risco de esquecer o alvo desejado. (GAGNEBIN, 2010, p. 19).

Em suma, como o caçador graco na escada, dando voltas para todos os lados, fica-se em “um limiar inchado, caricato, que não é mais lugar de transição, mas, perversamente, lugar de detenção, zona de estancamento e de exaustão, como se o avesso da mobilidade trepidante da vida moderna fosse um não poder nunca sair do lugar” (Ibidem, p.20). Na interpretação das imagens de morte em *Teatro e Rútilo nada* a ser apresentada, intenta-se verificar a inserção dos narradores nesta “zona de estancamento”, narrando a partir de um lugar intermediário entre a vida e a morte.

Para o estudo proposto, considera-se produtivo o uso de material teórico de cunho frankfurtiano, por ser esta escola que privilegiou a negatividade constitutiva da obra de arte (ADORNO, 1970), elemento essencial para a análise desenvolvida. Os estudos de Walter Benjamin a respeito da morte, que podem ser encontrados em textos de *Passagens*, bem como em seu ensaio *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, favorecem a abordagem escolhida, na medida em que contemplam a relação entre aspectos sociológicos e históricos no tocante à maneira de se lidar com os mortos com mudanças verificadas esteticamente nas narrativas modernas. Afinal, para o teórico, o declínio da experiência e da possibilidade da narrativa tradicional são paralelos à expulsão da morte do âmbito privado (BENJAMIN, 1996, p.207). A progressiva expulsão da morte da esfera privada notada por Benjamin parece vir se intensificando

na contemporaneidade. Diversos autores (ELIAS, 2001; ARIÈS, 2003) apontam uma transformação, ligada ao desenvolvimento tecnológico exacerbado, que concedeu à morte o status de tabu. Não há tempo para elaboração do luto, a morte “tem de ser *fast*, como tudo mais” (FRANCO, 2007); os espaços para se falar da morte são reduzidos. Obras como *Rútilo nada e Teatro* vão na contramão desta tendência contemporânea, trazendo a morte como tema privilegiado.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1970.

ARIÈS, Philippe. *Sobre a história da morte no ocidente: da Idade Médica aos nossos dias*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

CARVALHO, Bernardo. *Teatro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ELIAS, Norbet. *A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

FRANCO, Clarissa de. A crise criativa no morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. *Kairós*, v. 10, n. 1, p. 109-120, jun. 2007.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Entre a vida e a morte. In: OTTE, Georg, SEDLMAYER, Sabrina e CORNELSEN, Elcio. (orgs). *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

HILST, Hilda. *Rútilo Nada*. In: _____. *Rútilos*. São Paulo: Globo, 2003.

KAFKA, Franz. O caçador Graco. In: _____. *Narrativas do espólio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.